Almada Negreiros, José

(1893-1970)



De sangue e virtù intercontinental, nasce, a 7 de Abril, José Sobral de Almada Negreiros, na Roça da Saudade, Ilha de São Tomé e Príncipe, terra de sua mãe e cujo concelho era administrado por seu pai, jornalista e colonialista, natural de Aljustrel. Almada Negreiros morre a 15 de Junho, no Hospital de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, no mesmo quarto onde tinha falecido Fernando Pessoa, a quem escreve a Ode em que se lê: «A Portugal, a voz vem-lhe sempre depois da idade» ("Ode a Fernando Pessoa"). Em 1900 é internado no Colégio dos jesuítas de Campolide, em Lisboa, altura em que o pai é nomeado encarregado do Pavilhão das Colónias na Exposição Universal de Paris. Em 1910, a Primeira República encerra este colégio e Almada vai para Coimbra, ingressando, em 1911, na Escola Internacional de Lisboa, que frequenta até 1913. Faz, desde então, inúmeras exposições individuais, em Portugal e no estrangeiro. A errância, que envergou também nos vários meios de expressão, leva-o, pela mão de "Narciso do Egipto, que lhe era a pátria" (França, 1997: 17), a ser pintor, desenhador e vitralista, romancista, ensaísta, crítico de arte, conferencista, dramaturgo, enfim, como diz Herberto Helder, «Almada encontrara o ponto exacto na trama dos pontos, o centro, para nele pôr o pé» (Hélder, 2002). 1915 é um ano efervescente na produção literário-artística de Almada Negreiros e em que particularmente se faz sentir a nova identidade do seu cosmopolitismo, veiculado pelo Sensacionismo de Orpheu, que propõe «Ser-tudo-de-todas-as-maneiras» e uma arte nacional sem ser nacionalista, que possa transitar pela Europa. Participa na 3ª exposição dos Humoristas Portugueses, no Porto. Publica Frisos, no *Orpheu*, nº 1, onde se pode ler «Eu amo a Lua do lado que eu nunca vi» (em "Canção da Saudade"). Escreve o poema, dedicado a Álvaro de Campos, *Cena do Ódio* (publicado parcialmente em 1923 e integralmente em 1958), em que se auto-define como «poeta sensacionista e Narciso do Egipto» e onde, em nome da «Hegemonia de Mim», do «meu sentir internacional», tem por conselho «Larga tudo e a ti também!».

Com o *Manifesto Anti Dantas e por extenso* (1915) e o *Manifesto da Exposição de Souza*

Cardoso (1916), Almada Negreiros anuncia o aparecimento do Futurismo em Portugal, muito antes da visita a este país do líder do Futurismo Iltaliano, F. T. Marinetti, em 1932. *Mima Fataxa – Sinfonia Cosmopolita e Apologia do Triângulo Feminino* (1916), é um texto exemplificativo da singularidade satírica que o Futurismo de Negreiros adopta no contexto do Modernismo Europeu: «Selecção dos exotéricos / Nuances de tisnas da Europa / Entourage do Gentleman / Wilde, Nijinski e Eu: Sacrossanta melodia da Carne!».

Em 1914 tinha pensado partir para Paris, onde Mário de Sá Carneiro o esperava, no entanto, só iria em 1919 para esta cidade. Aí se dedica ao desenho, é bailarino de cabaret, empregado de armazém e escreve *Antes de Começar*, peça em 1 ato, que tem como personagens um boneco e uma boneca que se mexem como pessoas, algures no teatro do mundo. É também no seu ano inaugural em Paris que escreve e ilustra *Histoire du Portugal par coeur*, texto que reivindica uma história pessoal do seu país, focando um período em que a coletividade e a individualidade estavam em equilíbrio – o período dos Descobrimentos – e seleciona os seus leitores por estar escrito em língua estrangeira: “par coeur, c’est-a-dire – c’est le coeur qui s’en souvien!”. Numa conferência proferida antes de partir para Lisboa – em 1926, na festa de encerramento do II Salão de Outono – intitulada Modernismo, Almada afirma claramente o que percebeu no estrangeiro: “A Arte não vive sem a Pátria do Artista”, sendo que “As regras do pensamento universal só as pode encontrar cada um isoladamente”.

Parte para Madrid em 1927 e aí permanece até 1932. Três meses depois de chegar, em Junho, Almada abre uma importante ligação entre as vanguardas peninsulares, ao fazer uma exposição de desenhos nos salões da Union Ibero-Americana, uma iniciativa de *La Gaceta Literária*, que contava com colaboradores como Luis Buñuel, Ortega e Gasset, Ramon Gomez de La Serna, entre muitos outros, dos quais “El Português Almada” passa a fazer parte. A partir de 1928, realiza a Ciudad Magica Portuguesa em várias feiras espanholas, escreve *El Uno, tragedia de la Unidad*, que engloba duas peças: *Deseja-se Mulher* (publicada em 1959) e *SOS* (2º acto publicado nos cadernos *SW-Sudoeste*, em 1935), que apresenta ao público português, ao chegar a Lisboa, depois de seis anos no estrangeiro, na conferência “Direcção

Única".

Em *Prometeu, Ensaio Espiritual da Europa* (publicado em *SW-Sudoeste*, em 1935), Almada diz que «Os continentes têm a sua expressão espiritual ao lado da geografia física e política», fala do facto de a Europa ter encontrado a sua coesão na diferença e que Portugal se carateriza por ter uma cultura de fronteira. Esta é uma perspetiva que adoptará para sempre na vida e na obra. Nos restantes anos – grosso modo passados em Portugal – que viriam a perfazer mais de cinco décadas da sua produção artística – fez como disse no poema As Cinco Canções Mágicas: «Só caibo no Universo / e mais do que em mim / assim me trouxeram desde o princípio / como puderam até aqui / intacto da presença de todas as / actualidades».

Passagens

Portugal, França, Espanha.

Citações

Uma noite no bridge, n'este meu habito de levianamente sympathico, emquanto as estrellas, orifícios de luz no firmamento, espreitavam atónitas os jardins às escuras, comecei a fazer intelligentemente a distinção do viver em Londres e do viver em Lisboa e distanciava com elegância as minhas razões a conta-las plos dedos bem estimados. Ella voltou para mim o seu perfil estylisado de nobreza onde transparecia toda a gloria dos brazões de seus antepassados e aprovou-me co'os olhos poisados na cigarreira de prata fosca reluzente sobre o panno verde da meza do bridge: diz muito bem! E pouco a pouco como dois astros perdidos no infinito e cujas trajectórias antecipadamente traçadas por Aquelle que tudo rege, forçosamente um dia se hão-de cruzar, assim também as nossas duas almas, já por várias vezes o tinha pressentido, era inevitável que mais cêdo ou mais tarde não viessem a

encontrar-se face a face. E, ainda bem pra mim, não me enganei! (*K4 – O Quadrado Azul*, LISBOA 1917 – EUROPA modelo 1920)

AQUI PORTUGAL

Aqui Portugal
Bicesse
O Fim-do-Mundo mais perto de
Lisboa a da boa flordelis
e
Entre a Serra da Lua (Sintra)
As grutas e necrópole daqueles
Que nascidos em Creta
Passaram em Homero
Em Cristo
E a vista de Roma
Saíram do Mediterrânio
E aqui ficaram e passaram
Trazendo consigo para toda a parte
A Civilização da Liberdade individual
Do Homem

Bibliografia Ativa Selecionada

NEGREIROS, Almada (1965), Orpheu 1915-1965, Lisboa, Ática.
—- (1982) *Sudoeste*, Ed. Fac-similada, Lisboa, Contexto.
—- (1997) *Almada Negreiros – Obra Completa*, org. Alexei Bueno, Introdução José Augusto França, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

—- (2000) *K4 – O Quadrado Azul*, Eds. Fernando Cabral Martins, Luis Manuel Gaspar e Mariana P. Santos, Lisboa, Assírio & Alvim.
—- (2002) *Ficções*, Eds. Fernando Cabral Martins, Luis Manuel Gaspar e Mariana P. Santos, Lisboa, Assírio & Alvim.
—- (2005) *Poemas*, Eds. Fernando Cabral Martins, Luis Manuel Gaspar e Mariana P. Santos, Lisboa, Assírio & Alvim.
—- (2006) *Manifestos e Conferências*, Eds. Fernando Cabral Martins, Luis Manuel Gaspar e Mariana P. Santos, Lisboa, Assírio & Alvim.

Bibliografia Crítica Selecionada

AMARAL, Ana Luísa (1990), "'A Cena do Ódio' de Almada Negreiros e The Waste Land de T.S. Eliot", *Colóquio/Letras*, 113-114, 1990.
FRANÇA, José-Augusto (1974), *Almada, O português sem mestre*, Lisboa, estúdios Cor.
—- (1986) *Amadeo & Almada*, Lisboa, Bertrand Editora.
—- (1988) *Almada*, Paris, Centre Culturel Portugais, Fundação Calouste Gulbenkian.
—- (1997) "Introdução" a *Almada Negreiros – Obra Completa*, org. Alexei Bueno, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar.
HELDER, Herberto (2002), "Desalmadamente", Jornal *O Público*, 26 de Janeiro.
LOURENÇO, Eduardo (s.d.), "Presença ou a contra-revolução do modernismo português", Porto, Porto Editora.
—- (1985) "Almada, ensaísta?", *Actas do Colóquio Almada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 79-85.
MAGALHÃES, Isabel Allegro de (1987), "Almada: 'Mima-Fataxa' em dois tempos", *Colóquio/Letras*, 49-59.
MARTINS, Fernando Cabral (2004), "A Cidade Mágica Portuguesa", *Marginálias – Ramón Gomez de la Serna / José de Almada Negreiros*, Lisboa, Assírio & Alvim.
MOURÃO-FERREIRA, David (1979), "Almada Negreiros", *Portugal, a terra e o homem*, v. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / INCM, 55-64.

O'NEILL, Alexandre (1984), "Almada, para além da tela ou do Fabriano", *Jornal de Letras*, Artes e Ideias, 18 Set..
PEDRO, António (1932), "À margem dum livro: Direcção única", *Revolução*, 22 Jul..
PEREIRA, Margarida / VELOSO, Manuela, "A Inter-(in)dependência de Wyndham Lewis e Almada Negreiros face às vanguardas europeias", *Literatura e Pluralidade Cultural, Actas do III Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, Lisboa, Edições Colibri, 297-308, 2000.
SILVA, Celina, "A ficção da pátria em Almada Negreiros", *Revista da Faculdade de Letras*, II série, v. IV, 341-349,1987.
TORGA, Miguel, *Almada Dessins*, Paris, Centre Culturel Portugais, 1993.

Manuela Veloso